

# A TESSITURA DA MEMÓRIA NO REDEMOINHO DA VIDA: O CARÁTER MEMORILÍSTICO *O SALTO DO CAVALO COBRIDOR*, DE ASSIS BRASIL

*The memory composition process in the life`s whirlwind: the memorialistic feature in “O Salto do Cavalo Cobridor”, from Assis Brasil*

Abílio Neiva Monteiro  
Silvana Maria Pantoja dos Santos  
UESPI

**Resumo:** No romance *O salto do cavalo cobridor*, de Assis Brasil, é representada a vida dos agregados de pequenas localidades. Em meio à trama, destaca-se Zita, uma mulher silenciada pela dor em função da perda do filho. Zita é marcada por quatro lembranças que a acompanham. É seguindo o véis memorialístico percorrido pela protagonista, que este trabalho se delinea. Segundo Bergson (1999, p. 77), “a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente”. Diante disso, objetiva-se com este trabalho analisar o processo de rememoração de Zita, a partir de suas reflexões em torno de pontos cruciais do seu existir. Para tanto, a visão de Halbwachs (2006), Bosi (1994), Bergson (1999) serão basilares nessa discussão. Assim, pode-se dizer que o processo de rememoração possibilita a reflexão sobre os acontecimentos, sem que as marcas do vivido se desfaçam por completo.

**Palavras - chave:** Literatura. Memória. Assis Brasil.

**Abstract:** In the novel *O Salto do cavalo cobridor*, by Assis Brasil, is represented the life of agregados from little places. In the plot, Zita stands out, a silent woman by the pain of loss of her son. Zita is remembered with four memories and it follows hers. It is following the memories standards, lived by protagonist, which this work has been basing on. According to Bergson (1999, p.77), “the memory, totally unbreakable from perceptions, inserted by the past and the present”. Therefore, this work aims to analyze the process of rememorization of Zita, from her reflexions about important points from herself. Hence, the Halbwachs (2006), Bosi (1994), Bergson (1999) visions are basis in this discussion. Then, it can be said that the rememorization process may a refletion about happening, without, before, lived marks go away.

**Keywords:** Literature. Memory. Assis Brasil.

## 1 Introdução

A memória tem sido um dos temas recorrentes em diversas áreas do conhecimento, entre eles, a psicologia, a filosofia, a antropologia, sobretudo a literatura, nosso campo de atuação.

A memória povoa o cenário da vida, servindo como sustentáculo para configuração da existência. É considerada o fio condutor para as relações sociais e afetivas. O campo da memória se entrecruza com os anseios, desejos e frustrações dos seres, Na linha tênue da memória, lembrança e esquecimento se revesam, abrindo alas para questionamentos para aqueles que são alcançados no presente. Assim, a memória se configura como um elemento modelador, que subsidia uma ligação entre passado e presente, evidenciando marcas e transformações do ser, corroborando com a formação do indivíduo.

Seguindo o viés memorialístico, o presente trabalho visa analisar o processo de rememoração na construção identitária de Zita, da obra *O salto do cavalo cobridor*, de Assis Brasil. Com isso, o estudo enfatiza a relação da memória com a personagem e o meio social no qual está inserida, discutindo a influência memorialista que fomenta a representação da personagem.

Assim, a pesquisa se justifica por identificar em Zita, um elo de silenciamento marcado pela submissão ao discurso patriarcal, à subserviência ao marido e também, como um depositário ralo de memória, pois durante todo o percurso da vida, a personagem apresenta apenas quatro lembranças. O trabalho justifica-se também por enaltecer a obra que é pouco conhecida, tecendo assim, uma tentativa de resgate do romance no cenário literário.

Segundo Bergson (1999, pag. 77), “a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração”. Assim, a memória se configura como uma ponte que resgata o passado por uma nova ótica, estabelecida pelo presente, proporcionando uma reconfiguração e um redirecionamento da memória no campo da percepção humana, correlacionado o aspecto imagético e corporal que se estabelece no espaço e no tempo do indivíduo.

### 1.1 Assis Brasil e *O salto do cavalo cobridor*

O autor Francisco de Assis Almeida Brasil nasceu em Parnaíba, Piauí, no dia 18 de fevereiro de 1932. De acordo com o documentário “*Assis Brasil: O cigano erudito*”, o escritor, que possui um vasto campo de publicações, entre elas, *O salto do cavalo cobridor*. Também coleciona vários prêmios, entre eles, o Prêmio Nacional Walmap (um dos principais prêmios literários

criados no Brasil) de 1965, com a publicação do romance *Beira rio beira vida* com o qual conseguiu seu reconhecimento como escritor.

Para Ribeiro (2008, p. 341), o autor “é um estranho caso à periferia do panteão canônico, tanto pela qualidade estética da sua produção, como pela constante reedição de parte de seus livros, (...)” (RIBEIRO, 2008, p. 341). Com isso, Assis Brasil destaca-se pela qualidade de sua obra, sobretudo por apresentar dose de realismo e por destacar em suas tramas, elementos comuns do cotidiano.

A *Tetralogia Piauiense* publicada em 1979 é composta por quatro romances: *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do meio-quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969). Segundo Assis Brasil (2008), em seu artigo *Tetralogia piauiense*, a sua intenção era realizar uma denúncia, abordando temas como a prostituição, a pobreza, o preconceito, a marginalização social, o meio rural, dentre outros.

Em uma entrevista publicada pelo jornal *Diário de Notícias* (1996), citado por Ribeiro (2008, p. 299), o autor afirma que: “embora meu romance tenha um marcado sentido social, não defendo nem teses nem lanço mensagens, coisas próprias de panfletos e não de arte”. Assim, como afirma Ribeiro (2008), “(...) o foco da análise volta-se para dialética entre o social e a arte, aspecto que justifica os momentos destinados à discussão não somente do conteúdo, bem como da forma”.

A obra *O salto do cavalo cobridor* situa o enredo em uma pequena fazenda localizada próxima a cidade de Parnaíba. Assim, diferente do que ocorre em outras obras do autor piauiense, como *A filha do meio-quilo* e *Pacamão*, que tem a cidade de Parnaíba como esteio para o desenvolvimento da ficção, em *O salto do cavalo cobridor*, o meio rural se torna o palco para a construção e o desenrolar da trama. Assim, segundo Ribeiro (2011),

O deslocamento da ótica narrativa da cidade para o campo, em *O salto do cavalo cobridor*, concorre, ademais, para uma representação mais ampla das relações sociais no conjunto da obra. Assis Brasil dá expressão à hostilidade a que o homem agrário, especificamente o analfabeto e destituído do desejo de mobilidade social, está submetido (RIBEIRO, 2011, p. 16).

Assim, o deslocamento do campo para a cidade citado por Ribeiro (2011), se evidencia como um reforço à denúncia social que o autor se propõe a fazer em suas obras, atribuindo voz aos seres menos favorecidos e até mesmo esquecidos pela elite social.

O romance enfatiza a história de Zita, uma mulher madura, prendada, caridosa e submissa ao marido. Trabalha na cozinha da fazenda em que o mesmo é agregado, gosta de

ajudar as pessoas que viviam nas proximidades da fazenda: “Zita era uma espécie assim de anjo da guarda daquela gente, tanta gente desvalida havia nesse mundo”. (BRASIL, 2008, p. 256).

Zita, nunca se conformara com a morte do filho e, segundo o próprio marido, ela nunca mais fora à mesma depois do acontecido. As suas atitudes mudaram, ficando mais distante, em um silêncio que exalava angústia. Vivia presa a lembrança do filho, frágil e doente, buscando, nesse processo de remoer o sofrimento, um consolo para sua dor e uma resposta para a vida.

## 2 As lembranças e a clausura da personagem Zita

A memória de Zita é delineada por quatro lembranças, que se configuram a partir de imagens do presente. A personagem, ao recordar o passado, evidencia um vazio que repercute na sua figura apática, mergulhada em um mundo silenciado, de obediência ao companheiro, de dor e tristeza pela morte do filho.

Zita utiliza como ponto de partida para as suas memórias, o ambiente familiar: o espaço da fazenda, serpenteado por cenas familiares. O elo com o presente é rompido com o fracasso do casamento e a morte do filho, fatores que marcam o seu presente, e que são a chave para o afloramento de outras lembranças. A partir daí, Zita passa a viver em função das lembranças, mergulhada em estado de melancolia.

A vida ao lado do esposo não era das melhores, porém ela nunca se queixara e o apoiava. Caso Inação chegasse a faltar, Zita jamais casaria novamente, pois já se considerava em uma idade avançada. Quando ela se casou com Inácio, já era madura e viúva, rompendo assim, com as regras sociais da época,

Desde a morte do filho, Zita passara a ser mais reservada. Seu apego à religião levou-a a batizá-lo assim que adoeceu, para que ele tivesse a benção de Deus, antes de morrer. Assim, ela buscava na igreja uma salvação para o filho. Entretanto, ao ver o filho desenganado pelo sacerdote, “(...) foi procurar a feitiçeira lá perto da estação” (BRASIL, 2008, p. 274).

Zita se apegava às promessas, entre elas, a de cortar os laços sexuais com o marido, para que seu filho escapasse da morte, buscando assim, uma autopunição, considerando uma culpa pelo estado de saúde fragilizado do filho. Entretanto, nada adiantou, o menino acabou morrendo

e ela entrou em um profundo isolamento. No momento da perda da criança, Zita gritou de dor, desespero, angústia e que, segundo Inação, “(...) todo mundo da redondeza escutou o grito que a Zita deu” (BRASIL, 2008, p. 274). A dor consumiu toda alegria de Zita, o mundo perdeu o pouco do sentido. Para seu marido, em um diálogo com dona Candinha, ele afirmava que:

(...) A mulher parece até que murchou, sabe comadre? Nunca mais aquela barriga aceitou semente. Acho mesmo que ela não se importava em ter outro filho. Pra quê? se a desilusão depois acabava sem contemplação (BRASIL, 2008, p. 275).

Zita nunca se conformara com a morte do filho e, segundo o próprio marido, ela nunca mais foi à mesma depois do acontecido. As suas atitudes mudaram, ficando mais distante, em um silêncio que exalava angústia.

A primeira lembrança é a da infância, do dia do seu aniversário de quinze anos. Ela ajudou um homem que havia sido preso e fora praticamente esquecido pela sociedade. Para ajudá-lo, foi capaz de desafiar seu pai.

O homem tinha os olhos arregalados no meu rumo. Me estirei a mão e não disse nada, mas pude ver que ele tinha lágrimas nos olhos. Foi aquela a primeira vez que senti, comadre, que havia mistério e sofrimento no mundo, e que nem tudo era a vida mansa que eu levava. Aquele homem só faltou cortar meu coração de pena. Saí dali correndo, contei a papai, ele não deu muito empenho, minha mãe não se impressionou, os vizinhos deram de ombro (BRASIL, 2008, p. 277-278).

Depois de ser liberto, o homem retornou à festa de Zita para agradecê-la, ele “Não disse uma palavra, pegou as minhas mãos e beijou, sorriu, bateu com a cabeça como se dissesse “muito obrigado”, (...)” (BRASIL, 2008, p.279). A figura do homem injustiçado a sensibilizou. Um ato reflexivo a fez entender as dissiparidades sociais.

Para Halbwachs (2006), a lembrança, elemento essencial que impulsiona a memória, é acionada quando interligada a uma imagem e a sua importância se acentua, quando a imagem provoca algo no interior do indivíduo. Assim, a lembrança de Zita, como um choque da realidade, a fez modelar seu comportamento, sendo delineada no presente. O ato generoso a transforma em uma mulher caridosa.

Seguindo o viés reflexivo memorialístico, Bergson (2006) diz que a memória “prolonga o passado no presente” (BERGSON, 2006, p. 247), tornando o presente uma fonte de apelo para que as lembranças possam se estabelecer como elo de ligação, possibilitando uma reestruturação

comportamental, que, no caso de Zita, enleia-se à compaixão pelo próximo, cuja função se reveste do caráter caridoso em ações posteriores.

A segunda lembrança de Zita envolve o primeiro casamento, que fora negociado pelo pai. Resignada, aceitava a corte de um homem rude. Silenciada, no dia do seu casamento, Zita declara: “Eu me sentia como a caça no mato, espreitando e apavorada” (BRASIL, 2008, p. 279), porém a condição de subalternização imposta pela sociedade patriarcal era reforçada pelos conselhos da mãe de que deveria ser uma esposa submissa às vontades do marido. Lembra Zita:

Ele foi bruto e chegou a me dar umas taponas. Tinha a maldade nos olhos. Era a maldade, sabe comadre? Que agora estava mais perto de mim, que agora tinha me alcançado. Não sei quanto tempo vivi com ele – a toda hora, quando eu tentava fazer um bordado na sala, me empurrava pra cozinha (...) (BRASIL, 2008, p. 280).

Para Zita, a lembrança do primeiro casamento vem como tentativa de compreensão de si mesma e do sentido da vida, imersa em um casamento sem afeto, sem cumplicidade. “Ele pouca vez tinha me beijado. Me beijava na testa, aquele cheiro de fumo, de suor da camisa – cheiro dos cavalos no pasto, identificava com ele”(BRASIL, 2008, p. 280).

O desejo de libertação era abafado pelo temor: o marido a oprimia afirmando tê-la comprado do pai. Ao lembrar a morte do marido, afirma não ter esboçado nenhuma reação. Zita retorna a casa dos pais e alimenta um sentimento de culpa por achar que não cumpriu o seu papel de esposa. Em um diálogo com sua comadre Candinha, lembra:

O esquisito foi que eu não queria aceitar que aquele acontecimento houvesse me atingido. Era de repente uma viúva e voltava pra casa de meu pai, como se não tivesse prestado para o casamento, ou vivido naqueles meses apenas um pesadelo. Meu pai sempre achou que eu era uma moça triste, mas depois daquilo acho que pensou que tinha uma filha lesa ou demente. Eu não via prazer em nada, sabe comadre? (BRASIL, 2008, p. 281).

O mundo interior do indivíduo é constituído por acontecimentos que se assomam e acompanham o ser no contínuo temporal. As cenas pretérias de Zita contribuem para que a sua trajetória de vida seja nutrida pela sensação de que desvalor. Para Ricoeur (2008), o ato de recordar está intimamente ligada ao grau de identificação com as coisas. Assim, quanto maior o grau de percepção da lembrança, das marcas que determinada imagem transmite, maior serão os impactos. Assim, a recordação do primeiro casamento da personagem configura-se como uma resposta para a sua constante tristeza e desânimo.

Na mesma linha de pensamento, Freud (1986, p. 285) diz que as lembranças “emergem simultaneamente a uma experiência, como consequência imediata da impressão por ela causada, e

que, daí por diante, retornam de tempos em tempos”. Assim, as marcas de violência sofrida por Zita no primeiro casamento, ecoam durante a vida, agregando insegurança, medo e frustração.

Bergson (1999) volta-se para lembranças que subsidiam a relação entre corpo e imagem, afirmando que o corpo age sobre a imagem e vice-versa. Se Zita, correlaciona os fatos do passado por intermédio da percepção que tem dos fatos no presente, podemos notar que ela compara sua atual posição de vivências na fazenda, com a sua primeira morada na companhia opressora do marido

A terceira lembrança de sua vida é Inação. “A terceira lembrança da minha vida tinha que ser boa, para que eu não ficasse doida, para que eu não saísse correndo pelo mato” (BRASIL, 2008, p. 281). Nem todos os acontecimentos da vida são marcados por dissabores, as cenas reconfortantes possibilitam manter o equilíbrio, contrabalancear os percalços da vida. Para Zita, Inação era um homem bondoso, alegre, diferente do primeiro marido. Foi com ele que aprendera a amar. Conheceram-se quando ela ainda usava roupas que simbolizavam o luto, regra social mais uma vez induzido pela mãe.

Para Freud (2010), o luto se configura como um afastamento da imagem do outro, se instalando na memória como um traço doloroso que pode ser superado. Mas para Zita o luto não fora feito. Não na perspectiva da superação da dor, face a perda do outro. A morte do marido foi para ela sinônimo de outra forma de superação: a do esmagamento da sua condição de ser mulher.

E por fim, sua quarta e última lembrança, a mais dolorosa de sua vida, é a morte do filho. Segundo ela, “Depois tudo passou ligeiro até a morte de meu filhinho. Então a minha vida se acabou” (BRASIL, 2008, p. 281). Diferente do que ocorreu com o luto do primeiro esposo no passado, Zita não conseguiu superar a perda do filho, e sua memória é marcada pela tragédia, na qual a personagem não conseguiu se reerguer emocionalmente, se entregando a um estado de melancolia. Não quis mais sair com o marido, deixou a vaidade de lado, passava o seu tempo na cozinha e cuidando dos animais e que segundo Inação, “(...) Fala com os bichos como se estivesse falando com o filho. Onde já se viu isso?” (BRASIL, 2008, p. 305).

Assim, Zita passa a exteriorizar toda a gama de sufocamento e angústia que se abatia sobre sua vida. O estado melancólico da personagem se delineava como uma autopunição, em que Zita procurou se refugiar.

Segundo Freud (2010), “A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da

autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa pode chegar a uma delirante expectativa de punição” (FREUD, 2010, p. 173).

A melancolia se evidencia em Zita, como uma negação de si, frente a não aceitação da morte do filho. A dor se apodera da personagem, como um alimento que a faz viver. Zita isola-se e sua angústia serve-lhe como um casulo que a protege da realidade. É nesse espaço de abatimento que Zita saboreia sua dor, mascarada por um profundo silêncio de suas ações.

Com a descoberta das traições de Inação, principalmente com a cigana Sulima, foi o estopim para que em um momento de fúria ela incendiasse o velório de Inação, que foi assassinado em uma emboscada planejada pelos ciganos.

Durante todo o velório do marido, Zita agiu de forma serena, “(...), como se já soubesse e como já tivesse se conformado” (BRASIL, 2008, p. 316). Ela cuidou do corpo do marido, preparando para ser velado, nesse momento, Zita percebeu que já há algum tempo, eles não ficavam tão próximos assim, mas ao pensar na traição do marido, logo se afastou novamente dele. Ela foi aceitando as lamentações, os pêsames, as decisões dos patrões, que falaram do desejo que tinham que ela continuasse na fazenda. Zita foi concordando com as palavras dos amigos, e “repetiu mais uma vez, talvez pela última, o resmungo triste, “aquele banguelo”, “aquele banguelo”, e não chorou, apenas a cara ficou mais feia do que antes” (BRASIL, 2008, p. 329).

Zita em todo o seu desespero, sua angústia, sua tristeza e seu vazio, coloca fogo no corpo do marido como forma de acabar com uma possível feitiçaria, que tinha assolado Inação. Entretanto, esse ato vai além de uma vingança contra o marido, ou um colapso sentimental, ele é o grito abafado dos anos de submissão às normas sociais, a criação ditatorial do pai, as frustrações do primeiro casamento, a vida bucólica, mesmo que considerada boa por parte de Zita, mas uma vida incompleta, por causa da morte do filho. Assim, ao colocar um ponto final no sofrimento, Zita se entrega as chamas do local, não permitindo que ninguém a resgatasse.

Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 55), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Com isso, ao lembrar, Zita reconstrói sua história, evidenciando traços e elementos que contribuem para a tentativa de compreensão de si mesma, tendo como base, a visão atualizada de seu passado. Assim, para Bosi (1994, p. 55), “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Desse modo, no ato de (re)construir o passado, Zita deixa estalar no corpo o gemido da vida.

### 3 Considerações finais

A rememoração possibilita a reformulação de acontecimentos e a reflexão sobre os mesmos fatos, a partir da ótica do presente. O processo de rememoração das quatro lembranças de Zita faziam-na buscar as respostas que não seriam possíveis sem o revirar da própria existência. Ao final, a compreensão de si emergiam como um grito em meio aos acontecimentos.

A angústia e a frustração do passado se arrastam pela vida de Zita e se evidenciam no ato de recordar, situando assim, o leitor, que ao ler o romance, encontra uma figura vazia, triste, desmotivada e abnegada, em que a rotina, traz um consolo para uma vida de silenciada.

Zita é apresentada como um indivíduo mergulhado no tradicionalismo, na cultura patriarcal, um meio rural afetado pelo machismo e pela valentia dos sertanejos, onde a mulher era vista apenas como um instrumento de satisfação e apoio do homem, sendo oprimida, silenciada e culpada.

Assim, entende-se a tristeza, o medo e o sofrimento como elementos que constituem a melancolia de Zita e estão intimamente ligados com a negatividade das sensações do corpo, em que a personagem se nega o direito de seguir a vida e superar a tragédia e o luto que se abateram sobre ela.

Pode-se verificar que Zita traz as quatro lembranças bem demarcadas em sua mente, servindo como um norte para que ela se reconheça como sujeito, entretanto, fica evidenciado também, a escassez de experiências da personagem, que mesmo tendo passado por quatro experiências profundas, torna-se um indivíduo com pouca vivência e experiência em seu ciclo social.

O caráter memorialístico de Zita é findado em suas lembranças, que são acionadas pelo espaço em que ele está inserida, tendo como uma amplitude emocional, os fatos do presente que constituem o cenário da memória, e possibilita uma releitura e uma ressignificação dos seus atos.

Assim, consta-se que Zita é vítima de suas próprias lembranças. Ao tempo em que relata suas histórias, não consegue se libertar do passado, apesar da função questionadora sobre suas ações. De acordo com Benjamin (2007, p. 37), “o importante para quem rememora, não é o que viveu, mas sim o tecido da rememoração”. Assim, o que se enfatiza, além da experiência do vivido é o que foi constituído pelo ser. No caso de Zita, o que ficou impresso foram as marcas de sua memória tecida e repisada em meio a angústia, sofrimento e dor.

## Referências

- BRASIL, Assis. *Tetralogia piauiense*. 13ª ed. Teresina: FUNDAPI, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Tetralogia piauiense*. In: BRASIL, Assis. *Tetralogia piauiense*. 13ª ed. Teresina: FUNDAPI, 2008, p. 455-458.
- \_\_\_\_\_. *Memória e Aprendizado*: entrevista concedida a Francigelda Ribeiro. Teresina: EDUFPI, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com espírito. São Paulo: Martins e Fontes, 2006.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: Lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. 2. ed. Vol II. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras 2010.
- HALBWACHAS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARTIN, Lucila; FARIAS, Marina. *Documentário Assis Brasil: O Cigano Erudito*. Teresina: Fundação Quixote, 2012, 46 min e 39 seg.
- RIBEIRO, Francigelda. Vértice e base na pirâmide social da Tetralogia piauiense de Assis Brasil. *Revista Crioula*. São Paulo, nº 09, p. 01-19, Maio de 2011. Disponível em [www.revistas.usp.br](http://www.revistas.usp.br)
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. <http://assisbrasil.org/almeida.html> acessado em 09/06/2015

**Abílio Neiva Monteiro**

---

Pós-graduando do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí - UESPI  
abmonteiro27@outlook.com

**Silvana Maria Pantoja dos Santos**

---

Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Email: silvanapantoja3@gmail.com

*Recebido em 30 de março de 2015.  
Aceito em 20 de junho de 2015.*